

4

ALDO VANNUCCHI (*)

RELIGIÃO AMANHÃ

ABSTRACT - Tomorrow Religion - Will everything that is said about the human being today have any value tomorrow? If it is so, why does one not accept that Religion is also fated to change or even to die? And if Religion remains possible, reasonable or necessary in the future, how will it be? How could Christianity survive in this challenge of reality and creativity? Such is the theme of this article.

RESUMO -

Será que tudo quanto se diz do ser humano hoje será válido amanhã?

Se assim é, por que não aceitar que a Religião também está destinada a mudar ou até mesmo perecer?

E se a Religião permanecer possível, razoável ou necessária no futuro, como será ela?

Nesse desafio da realidade e da criatividade, como poderia o Cristianismo sobreviver?

Tal a temática do artigo.

* Especialista em Gnoseologia, História e Filosofia das Religiões, o autor é titular da Disciplina de Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas.

INTRODUÇÃO

Todos vivemos hoje a convicção de que o mundo de amanhã será bem diferente do atual. Jamais como agora se viveu tanto o caráter provisório das coisas e das idéias. Vivemos a certeza eufórica de que o difícil hoje será banal daqui a cinco anos e o impossível agora perfeitamente normal daqui a dez.

Mas se isso leva a um clima de operosidade autoconfiante, há também o outro lado da medalha: - Será que a verdade não é também necessariamente superável, relativa, provisória? Haverá alguma certeza atual de porte definitivo? Será que tudo quanto se diz da humanidade hoje será válido amanhã? Evidentemente, não. Se assim é, por que não aceitar que a Religião também entra nessa melancólica dinâmica do provisório? Se a Religião parece necessária, razoável, útil, em nossos dias, será-lo-á no futuro? Na possibilidade de uma resposta positiva, como seria essa Religião amanhã?

I - VIDA, MORTE E RESSURREIÇÃO DA RELIGIÃO

Para os homens de hoje não basta mais a tradicional justificação apologética da Religião, pelo que ela realizou no passado, como fenômeno intimamente ligado à cultura humana. É bem verdade que a Religião inspirou ou fomentou instituições importantíssimas, como a casa, a cidade, a agricultura, o comércio, a imprensa, os transportes, as estradas, a escola, etc. Isso, porém, apenas provaria que ela serviu no pretérito, como também foram úteis outrora a pedra lascada, o carrode bois, a ventosa...

Vale muito mais para o nosso caso mostrar ou lembrar que, em repetidas voltas da Histó

ria, se teve impressão bastante difundida de que a Religião entrara em agonia. Questão de duas ou três gerações e ela se perderia nas brumas do passado. E no entanto, com o progresso da sociedade e com o melhor conhecimento e domínio de novas forças, ela resistiu à crise, superou os combates e adquiriu ainda mais saúde. Sobram exemplos para comprová-lo. Lembremos a Revolução Francesa. Quem não sabe que, em Notre Dame, foi entronizada a deusa Razão, personificada por uma atriz? E, corridos quase três séculos, Notre Dame continua.

No século passado, Comte dogmatizou que, superados os estados teológico e metafísico, estaríamos, a partir do seu tempo, entrando definitivamente na etapa positiva, científica, onde subsistiria apenas o culto da Humanidade - contradição deveras significativa para quem pretendia se desembaraçar de qualquer forma de religião!

Marx foi outro para quem a Religião tinha os dias contados ou pelo menos deveria tê-los. E hoje o que vemos é justamente a Religião estimulando tantos e tantos à derrubada das ditaduras e à denúncia de todas as alienações e de todos os ópios.

Ainda no fim do século XIX, sociólogos e historiadores das religiões procuraram, um após outro, demonstrar cientificamente não só o início inteiramente arreligioso da humanidade, como também a evolução, através do animismo ou totemismo, das formas mais rudes de fetichismo até o monoteísmo cristão, num esforço explícito de solapar toda base séria e duradoura ao fato religioso.

Neste século, já assistimos a outros movimentos ferinamente contrários à Religião,

como o Nazismo, cruelmente voltado contra o judaísmo e o cristianismo, Nazismo que se suicidou com o veneno do próprio orgulho racista e ateu, enquanto o povo alemão ressuscitou religioso como antes, senão mais religioso ainda.

Não se pode esquecer também o fenômeno do comunismo russo. Apesar de todas as leis repressoras, o espírito religioso ainda perdura, em formas públicas e ricas, como na Polônia, Rumênia, Hungria, etc. e também na própria Rússia, em moldes mais modestos, mas reais.(1)

Esses e tantos outros fatos não provam cabalmente que a Religião é mais do que um preconceito pré-científico, mais do que uma antigalha sem expressão? Dados assim não nos capacitariam a afirmar desde já, com segurança, que amanhã a Religião continuará sempre existindo, por maiores e desejáveis que sejam os progressos da Ciência e da Técnica?

Hã, porém, quem lembre estarmos hoje em situação totalmente original, anulando-se assim qualquer argumentação com exemplos do passado. Alega-se, por exemplo, que somente neste século o mundo está conhecendo a civilização urbana, somente agora entrando na era tecnológica. Bastaria ver que os centros da vida religiosa espalhados pelo mundo não correspondem aos verdadeiros centros vitais da sociedade atual. Estes são as universidades, os centros industriais, as megalópolis, os locais de veraneio, as bolsas de valores... e aí a expressão religiosa é estatística e socialmente irrelevante, para não dizer nula.

Mas, responderíamos, nunca como hoje se insistiu tanto no engajamento dos crentes na edificação da cidade terrestre, na salvaguar

da dos direitos humanos, lutando contra a mi-
séria, contra a exploração do homem pelo ho-
mem, contra a guerra, contra a discriminação
racial... e é justamente por isso mesmo que
muitas áreas do cristianismo hodierno são com-
batidas.

Não é fora de propósito também citar a-
qui um livro que é uma "incursão no perturba-
dor futuro próximo" - "O Ano 2000", de Herman
Kahn e Anthony Wiener, mestres discutíveis-
mas renomados das técnicas de prospectiva ci-
entífica. Numa figura sobre o possível evolu-
ir das atitudes básicas do homem, dão-nos es-
ses autores a seguinte seqüência cíclica: 1) fê
e verdade revelada; 2) teologia e raciona-
lismo; 3) deísmo, empirismo e ciência; 4) re-
lativismo e ceticismo; 5) cinismo, alienação,
anarquia ou niilismo; 6) facções oportunis-
tas ou militaristas; 7) elites ou líderes ca-
rismáticos ou messiânicos; 8) verdade mes-
sianica ou carismática; de novo 1) fê e verdade
revelada, etc.

Não teríamos também por aí uma conclusão,
pelo menos provisória, contestando a marcha
pretensamente irreversível para a descrença?

E o interessante é que essas hipóteses da
futuurologia encontram forte embasamento his-
tórico na vida da humanidade, desde os albo-
res da pré-história até o nosso tempo; pois
a História mostra que as religiões morrer pro-
priamente não morrem. Vão do berço ao túmulo,
mas, inumadas e embalsamadas, logo mais res-
suscitam sob as mais surpreendentes formas,
seja de manifestações folclóricas, seja de re-
formulações rituais ou doutrinárias, seja de
ideologias sociais e políticas.

Se o paganismo greco-romano desapareceu
com a implantação oficial do cristianismo no

mundo antigo, quem não sabe que há um paganismo sempre presente em todas as gerações da terra? Nos anos de nossa primeira República, o culto da Humanidade, propugnado por Augusto Comte, quase se tornou a religião oficial do Brasil. Na Alemanha nazista, campeou o culto da Raça. E hoje vigem por aí o culto do Estado, do Dinheiro, do Sexo, do Consumo...

Interessante exemplo de persistência do fator religioso, no correr dos séculos, a comemoração de 1º de maio. No mundo clássico, esse era o dia da deusa da fertilidade, prelúdio da primavera. O calendário cristão com o tempo encampou a data, celebrando nela o apóstolo Felipe. Na Idade Média, essa efeméride passou a ser a ocasião da "Walpurgisnacht", noite de Santa Valburga, noite de feitiçaria, em que bruxos e demônios se deviam reunir no monte Brocken. No final do século passado, após as lutas e enforcamentos de operários, em Chicago, pelas oito horas diárias de trabalho, passa a ser o Dia do Trabalho, feriado civil hoje pelo mundo inteiro, bem como festa máxima na União Soviética. Finalmente, já bem próximo a nós, o ritual católico novamente privilegiou o 1º de maio, como festa de São José Operário, modelo dos trabalhadores.

Alternativas como essa estão a nos ensinar que o fenômeno religioso muitas vezes passa por necroses parciais, setoriais, mas que não o atingem definitivamente. Mostra a História, aliás, que as religiões sempre seguiram um ritmo semelhante ao dos organismos vivos: crescimento, expansão, luta pela vida, evolução lenta, mutações bruscas, períodos de equilíbrio e de saúde, doenças, retração e languidez, idades críticas, cissiparidades, etc.

Testemunho atual e digno de muito estudo é também a presença da preocupação religiosa na arte contemporânea, da qual destacaria, como exemplo, o cinema. Quem não sabe que a temática religiosa predomina nos grandes diretores da última década, como Bergman, Buñuel, Pasolini, Glauber Rocha? "Teorema", insinuando a visita de "deus" a uma família burguesa, de dimensão religiosa perdida, é um caso provocante, que crentes e ateus (como Pasolini) não podem simplesmente desprezar.

II - REALISMO E CRIATIVIDADE

Percebemos claramente a insuficiência das considerações até aqui expendidas para quem se fixe na perspectiva do amanhã. Tudo o que já se disse sobre Religião e tudo o que as religiões já disseram e fizeram - igrejas, teologias, seitas, cismas, cânones, rituais, missões, cruzadas, heresias, místicas... - tudo isso ainda não é bastante para convencer muitos homens de hoje da posição insubstituível da Religião no porvir. O cristianismo, em particular, está praticamente há um século lutando por mostrar, com palavras e com fatos, que a fé não aliena o homem de sua identidade de pessoa original e livre, nem de sua promoção social, econômica e cultural. E não se pode dizer que tal luta surtiu sempre bons efeitos. Continua o ceticismo. O ateísmo se difunde, máxime na juventude desta época tecnológica. Juventude que vê o progresso irresistível da ciência e da técnica reduzindo Religião e religiões a uma solene inutilidade.

Hoje a Ciência não fica apenas pesquisando e vencendo no campo das experiências físicas, químicas e biológicas, mas penetra e aclara sempre mais a seara também das ciências humanas, forçando de contínuo as portas do

mistério da pessoa humana. E como o método científico constitui por essência pesquisa nunca encerrada, por que não fazer a transposição para o "preconceito" religioso?

Nessa altura, cumpre enfatizar, a bem da verdade, que a Ciência está e deve estar pondo em dúvida, ou pelo menos entre parênteses, as hipóteses anteriores, em qualquer área do saber, mas o cientista algum ensina que é preciso pôr em dúvida a realidade sobre a qual se baseavam aquelas hipóteses. Uma coisa é a realidade que se estuda; outra as teorias explicativas da realidade. Muitas afirmações já se fizeram, por exemplo, sobre a lua e outras muitas não de surgir ainda. Mas nenhum sábio duvida da existência dela...

Encontramos assim o bom caminho não só para o diálogo hodierno entre Ciência e Fé, mas sobretudo para a preparação e a criação do mundo de amanhã. Como o cientista ou como um teólogo, o teólogo só pode partir da realidade, de fatos, ou de um fato global - no caso da fé cristã, o próprio Cristo - e a partir daí vê-se obrigado a questionar continuamente suas hipóteses de trabalho, numa busca incessante da compreensão sempre maior de uma realidade já possuída. Inegavelmente, o sentido da objetividade - ponto de apoio do espírito científico - é um dos pilares sobre os quais se deverá construir a fé do amanhã.

Outro ponto que a paleontologia, a etnologia e a história confirmam é que o homem jamais se contentou com o que teve, com o que viu, com o que tocou. Faminto de transcendência, ele não se satisfaz com coisas, nem mesmo com idéias. Precisa do outro. Não sobrevive sem comunhão, justamente porque existir é ser amado, é ser objeto de um ato de amor. Existir é ser eu e os outros, necessariamente.

Um homem sem laços constitui absurdo ontológico, porque a base do ser é o amor. Por onde se conclui do sentido essencialmente humano da Religião, como liame procurado ou vivido já com o Absoluto, liame esse encarecido até pelo prefixo "re" da palavra: reler um livro é voltar-se de novo para ele; reconciliar um casal é levá-lo a novo diálogo de vida, reeleger um chefe é tornar a confiar-lhe os destinos do grupo. Da mesma forma, Religião é religação com a divindade.

Importa, porém, dar um passo à frente, lembrando que o problema real da Religião do amanhã se situa no coração das massas. Sempre existirão indivíduos religiosos, pessoas tendentes à contemplação mística. A dificuldade maior é saber se amanhã haverá povos religiosos. Por outras palavras: Deus terá lugar no mundo do futuro? Haverá lugares de culto na cidade do século XXI? Existirá Religião de massa?

Como, no âmbito da família, é necessário que um dia o filho se emancipe do pai, não deverá um dia a criatura finalmente emancipar-se de Deus? E não teria já chegado essa hora?

Brota fácil a resposta se se determinar se se esclarecer o conceito de autonomia legítima. Emancipar-se não significa negar a origem da própria existência. Não é romper, nem desamar, nem proclamar que não se precisa de mais ninguém.

Nada nos obriga a pensar que o mundo emancipado, secularizado, venha a ser presa inevitável do ateísmo, porque este não surge nem como produto exclusivo nem como produto necessário da era tecnológica. Antes, o mundo de hoje pode representar um caminho para Deus

exatamente e mais ainda do que o foi o mundo de ontem. Teilhard de Chardin afirmava que "quanto mais o homem progredir, tanto sentirá a necessidade de adorar", pois, na linha do Vaticano II, bem se sabe da fundamental convergência entre o autêntico progresso humano e a fé. Compatibilizam-se perfeitamente a profissão de confiança no mundo de amanhã e a profissão de fé na dimensão religiosa do homem de todos os tempos.

Por outro lado, não cabe aqui ingenuidade alguma. Se o progresso for hoje ou amanhã inspirado apenas pela força, pelo dinheiro, pelo prazer, o futuro da humanidade, como massas, não será de religião, mas de perversão. Nessa conjuntura, aliás, bem se situa a missão específica dos crentes, como testemunhas do sobrenatural, no meio da sociedade, para que não entremos numa insuperável crise de costumes, ou, pior ainda, numa irreversível crise da verdade, da justiça, do direito.

No fundo, pois, não se trata de saber se o mundo de amanhã será ou não ateu. Para nós, um humanismo ateu não pode ser um humanismo autêntico. Não se trata de saber se a Religião sobreviverá na civilização tecnológica, mas sim qual a forma que deverá assumir o sagrado, numa sociedade a ser estruturada em novos moldes. Cremos como essencial à Religião e em particular ao Cristianismo não responder somente às exigências desta ou daquela civilização, mas ser atuante e transformante sempre, transcendendo a todas. Valor algum pode tanto quanto a Religião estimular-nos ao mister doloroso mas fascinante de criar o mundo de amanhã, porque a fé não constitui apenas a certeza dos valores eternos, mas também a convicção de que a civilização do futuro não será integralmente humana se

não possuir aberturas para o mistério.

III - RESPOSTAS AO DESAFIO

Defendida a persistência do fenômeno religioso amanhã, cabe-nos agora definir-lhe os contornos possíveis. Qual será a experiência religiosa da criatura humana por vir?

Uma primeira resposta nós a vemos no chamado "Cristianismo sem Deus". Há quem preveja, para amanhã, como fenômeno de massa, aquilo que já é vivido por muitos individualmente: um cristianismo reduzido à moral do amor ao próximo, da fraternidade universal, sem a pelo à divindade.

Evidentemente, cristianismo real sem o amor fraterno não existe. Mas, por outro lado, cristianismo mutilado de sua dimensão divina, é mera caricatura. Reduzido aos ditames éticos, o cristianismo equivaleria à moral marxista. Por que aquele e não esta para o mundo de amanhã?

Outros prevêem como situação religiosa - marcante do futuro o secularismo total, a dicotomia absoluta entre o campo da religião e o campo da civilização. Duas objeções, porém, contra essa perspectiva. A primeira ressalta da realidade atual: em que se fundamenta essa previsão secularista, se a maioria dos países do mundo é confessional ou anticonfessional, isto é, alinham-se pró ou contra a Religião? Todos os estados muçulmanos, os países ortodoxos, muitos países católicos, muitos países protestantes, Israel, a Índia... têm uma religião de Estado, enquanto diante deles se erguem outros que se caracterizam por lutar oficialmente contra a Religião.

O segundo dado contra o secularismo to-

tal é que, se de uma parte Estado e Igreja de vem mesmo ser bem distintos, de outra parte não se pode sem mais esquecer que a abertura para o sobrenatural é uma das marcas do humanismo integral e o Estado deve criar ou pelo menos permitir condições que possibilitem ao ser humano seu desenvolvimento pleno, portanto o religioso também.

Finalmente, há quem encare com tranquilidade o futuro da Religião, apelando para um pluralismo tal em que não se atribuirá mais importância alguma ao fato de alguém ser cristão ou budista, muçulmano ou xintoísta, crente ou não-crente. Confunde-se, nessa posição, sinceridade das pessoas com verdade objetiva. Por respeitável que seja a sinceridade de alguém, nem por isso todas as suas idéias serão verdadeiras. Lembrou muito a propósito Da na melou, em "Haverá Religião amanhã?" (Ed. Paulinas, S. Paulo, 1971, p.33): "O que está aqui em jogo é uma das características essenciais do homem: a inteligência e a sua aptidão para conhecer a verdade. Aviltaríamos a dignidade humana se limitássemos a inteligência à função de resolver problemas práticos e de promover satisfações culturais".

Descartados o cristianismo sem Deus, o secularismo total e o pluralismo espúrio, ficamos a obrigação de propor qual seria a opção religiosa do futuro. E, como ponto de partida, temos por cristalino certo que a fronteira decisiva entre descrença e fé deve ser localizada não tanto na negação ou no reconhecimento explícitos de Deus, quanto na aceitação ou não de algum valor, qualquer que seja ele, tomado como absoluto. Quem crê num valor absoluto já está implicitamente aceitando Deus. O verdadeiro ateísmo é a frivoli

dade de vida, a leviandade de pensamento, a adoração do fútil. Razão por que não temos dúvida em vislumbrar os pródromos da fé em todos os homens que se esforçam pela busca da verdade, naqueles que lutam até a morte por um mundo mais justo, naqueles que se doam generosamente para o bem dos outros. O Cristo, conta-nos Mateus (25,43-40), já os canonizou: "Vinde, benditos de meu Pai, porque tive fome e me destes de comer; tive sede e me destes de beber; era estrangeiro e me acolhestes; estava nu e me vestistes; doente e me visitaste; preso e viestes ver-me. Em verdade vos digo, o que fizestes a um dos menores desses meus irmãos, a mim o fizestes".

Por que não acreditar que no mundo de amanhã sempre se encontrarão pessoas, em todos os países e regimes, dispostos a essa busca, a essa luta, a esse devotamento, não por simples humanitarismo, mas por superior inspiração?

Dando um passo a mais, lembraríamos que tudo indica uma estrada de diálogo sempre crescente entre crentes e não-crentes, no futuro. O homem de amanhã, mergulhado num mundo secularizado, mas sempre homem, ou seja, necessariamente limitado e por isso sempre aberto para o Absoluto, há de lutar a todo o custo, de uma ou de outra forma, por ser autêntico nessa abertura para cima. Uma de suas preocupações maiores nesse sentido será o estudo da gênese do ateísmo. E a experiência ensina que uma análise existencial profunda revelará claramente o porquê de muitas negações de Deus. Tantas vezes o que se nega é a contrafação de Deus: o deus-polícia, sempre pronto a lavrar o flagrante de nossos erros; o deus defensor de uma ordem social estabele

cida na injustiça; o deus primitivo, fora do mundo, entre os astros, como símbolo ingênuo de transcendência; o deus portátil, manobrado por uma religião simplória e interesseira; o deus frio e estóico - computador eterno-registrando nossos acertos e desacertos; o deus pronto-socorro das horas de extremo aperto; o deus tapa-buracos, sempre pronto a resolver problemas que a gente mesmo poderia e deveria enfrentar...

Além desse desmascaramento das caricaturas divinas, outra imensa tarefa característica da Religião amanhã será a depuração corajosa do linguajar religioso, muitas vezes anacrônico, senão mesmo contraditório.

Diz-se que as provas da existência de Deus já não convencem ninguém. Será porque lhes falta conteúdo? Ou não seria porque - pertencem elas de mentalidade e linguagem de outros tempos? Por que se admirar escandalizado se o cosmos físico e cultural do Gênesis pareça tão opaco e inacessível hoje?

Exemplo frisante de inadequação vocabular, no mundo religioso, nós o temos quando ainda hoje insistimos, com exclusividade, - em termos como "redenção" e "redentor". Se se vai às fontes bíblicas, vê-se logo que o termo original grego é "lytrosis", que significa libertação de um escravo. Num mundo - como o nosso e mais ainda no mundo de amanhã, deveríamos falar não só de "redenção", mas também de libertação. Cristo é o libertador, o libertador máximo, o único que desceu até a raiz envenenada de nossos males e a destruiu de todo, no mistério de sua morte e ressurreição. Será muito difícil que a juventude do ano 2000 aceite uma apresentação sentimental, mofada, da pessoa de Jesus Cristo. A Religião no mundo não perderá nada se desaparecerem as imagens dos bons Jesus cha-

gados e as procissões do Senhor Morto, ao som de marchas fúnebres na sexta-feira santa. Mas a humanidade tateará no escuro, desencontrada e sem horizonte, se os cristãos não souberem revelar-lhe um Cristo vivo, presente, libertador. O único Cristo autêntico, o vencedor de todo mal e da própria morte.

Para certos cristãos, hoje em pânico, impõe-se lembrar que houve o século XVI, em que cristianismo e progresso, de mãos dadas, se alastraram pelo mundo. Do Brasil à China, do Canadá à Austrália, era o cristianismo levando o progresso e o progresso trazendo o cristianismo. No entanto, depois, apegada à cultura clássica, a Igreja não promoveu suficientemente o saber científico em gestação, chegando mesmo a impedir-lhe certos passos. Igualmente, nos séculos XVIII-XIX, não obstante o trabalho pioneiro de alguns precursores, os cristãos também não compreenderam nem acompanharam a evolução social, a importância do movimento operário e da civilização industrial.

Hoje a humanidade toda vive um processo sócio-cultural que vai exigindo novos rumos para a Religião e para a teologia cristã, de modo peculiar. Estamos assistindo ao fim do "Cristianismo convencional". Em todos os aspectos da vida, a humanidade está enterrando o passado, na expectativa e na preparação de um mundo inteiramente novo. Estão sendo igualmente enterrados os falsos deuses. E um deus morto, disse bem Harvey Cox, não merece lágrima. Se os crentes ainda pretendem transmitir alguma coisa aos homens do ano 2000, só lhes resta uma alternativa: sair ao encontro de um Deus vivo, que vem até nós pelos caminhos dos homens. O que os crentes precisam saber é caminhar na esperança, ao encontro do

futuro, o futuro do homem e o futuro de Deus, eliminando com audácia as amaras do passado. O nosso Deus verdadeiro, o Deus da Bíblia, o Deus de Jesus Cristo, é "Aquele que vem", Um Deus que jamais poderá ser considerado totalmente vindo, aqui na História. Transcendente, estará sempre por vir. Imanente, não o possuíremos aqui jamais definitivamente. Por enquanto, ainda não nos encontramos plenamente, face a face. Ainda estamos a caminho.

Nessa busca do Deus vivo, todos os seres humanos estamos irmanados. Uns dizem-se crentes, outros ateus ou agnósticos. Mas, como lembra Unamuno, nessa caminhada ninguém há que seja tão ateu que não tenha uma frestade dúvida e ninguém há tão crente que não apresente uma fenda de inquietação.

IV - UMA RESPOSTA BRASILEIRA

Na vastidão continental de nosso País, tradicionalmente considerado como cristão, despontam hoje muitos sinais dessa crise do "Cristianismo convencional", a que aludimos. Citemos algumas dessas experiências de novos caminhos para o brasileiro que crê. Uma delas são as chamadas "Comunidades Eclesiais de Base". Para quem hoje se interroga sobre a Religião do futuro, é oportuno tomar contacto com essa realidade do catolicismo brasileiro atual. (Análises similares mereceriam outros fenômenos religiosos atuais, como os nossos movimentos pentecostais evangélicos e católicos e os ritos afro-brasileiros).

Para tanto, achamos altamente significativo e categorizado o documento final do 3º Encontro Inter-Eclesial, realizado em João Pessoa, na Paraíba e divulgado com o título de "Igreja - Povo que se liberta".(1978)

Eis o texto:

"Nós, gente simples do povo, mulheres e homens, trabalhadores do campo e da cidade, índios, chegamos a essas conclusões no 3º Encontro Inter-eclesial, de 19 a 23 de julho de 1978. Somos representantes de todas essas Igrejas ou de comunidades de base que assinam abaixo. Em obediência à Palavra de Deus e em fidelidade às esperanças de nosso povo sofrido, decidimos assumir em nossa vida e na caminhada de nossas Comunidades Eclesiais de Base, as seguintes orientações:

1 - Pistas iniciais

a) Queremos dizer que, cada dia, alimentamos o nosso compromisso com o Evangelho de Jesus Cristo, acolhido na fé da Igreja e vivido na nossa maneira de amar os nossos irmãos oprimidos.

b) Recomeçamos, a cada dia, a mudança do mundo em direção ao Reino da Justiça, pela própria maneira pessoal de cada um se comprometer, e também a comunidade eclesial, a fim de que todos nós sejamos testemunhas vivas da aliança do Senhor com o seu povo. Nesse sentido, queremos que os pobres sejam sempre considerados acima das instituições (Igreja, sindicato, partido, etc.).

c) Em tudo a gente deve partir sempre de nossos interesses pelo povo pobre e não dos interesses dos que hoje se encontram no poder. Toda essa opressão que chega sobre nós tem sua raiz no pecado: as terras nas mãos de quem não precisa delas, os operários sujeitos a ganharem um minguado salário, gerando frutos como a fome, a mortandade de crianças, o analfabetismo. Esse grande pecado é agora social e se chama sistema capitalista.

d) Procurar estar sempre unidos e organizados, fazendo nosso trabalho dentro de nos-

nas comunidades, para provar a nossa fé no Senhor que muda todas coisas, a nossa esperança de quem está sempre esperando o seu Reino, prometido a nós, pequenos, e o nosso amor.

2 - Quanto à nossa atuação no mundo

a) Participar de todas as ferramentas que vão nos ajudar em nossa luta pela libertação, como sindicatos, associações, partidos políticos e outros que sejam nossos, e não para nós.

b) Lutar para que a terra seja dividida entre nós, camponeses e índios, que dela tiram os produtos para o seu sustento, para que a gente possa viver na terra sem ser tocado como gado. Na cidade, nós operários, queremos ter maior participação em tudo, principalmente na posse comum dos nossos meios de trabalho (ferramentas, máquinas, indústrias).

3 - Quanto à nossa atuação na Igreja

a) Exigir maior participação do povo junto ao bispo e maior representação de nossas comunidades nos conselhos pastorais e paróquiais, a fim de que a nossa presença não seja substituída pela do agente pastoral.

b) Criar condições para que, nas comunidades de base, nós, os leigos, os religiosos (as), os padres, e os bispos, possamos crescer em união entre nós. Entre a gente não deve ser ninguém marginalizado. Devemos caminhar em um só sentido, unidos e organizados, para alcançar a salvação.

c) Procurar fazer com que as celebrações na Igreja expressem a nossa vida e a nossa cultura, de maneira que elas não defendam os que pisam nos interesses da nossa classe oprimida.

4 - Quanto à análise da realidade

a) Procurar conhecer a realidade do lo-

cal, do nosso município e dos municípios vizinhos, para fazer uma corrente que se liga entre nós, descobrindo o que está por trás da quilo que os poderosos procuram esconder de nós, a fim de que os nossos olhos passem a ver o que realmente precisamos ver.

b) Fazer essa análise com boa participação de todos, de modo que o nosso esforço cresça sem nunca voltar atrás.

c) Assumir a nossa condição de classe oprimida, pois temos de fazer um trabalho acreditando uns nos outros, já que os nossos interesses são iguais.

4 - Quanto à maneira de conhecer as coisas

a) Sempre em pequenos grupos, onde o povo encontra o povo.

b) Através de uma ação avaliada, para que seja correta.

c) Procurando estudar a realidade, principalmente a história das sociedades, segundo a nossa maneira de entender essa história, pelos olhos de quem constrói e sustenta a base social.

O Divino Espírito Santo, que a todos anima e transforma, faça com que essas decisões sejam, em nossa vivência cristã, carne e sangue, vida e dom de amor".

A linguagem simples e direta desse texto dispensa explicações. Queremos apenas concluir, citando dois bispos, participantes daquele Encontro.

Dom Marcelo Carvalheira esclarece que Comunidade Eclesial de Base não se define propriamente. Ela tem, porém, certas marcas essenciais, por exemplo: "Comunidade Eclesial de Base deve ser em primeiro lugar comunidade. Em segundo lugar, deve ser eclesial, is-

to é, nascida da fé, motivada pela fé, em nome de Cristo. E terceiro, quando falamos em base, isto significa povo. Mas povo mesmo, comunidade que recolha as aspirações do povo, anuncie o povo que vem vindo... O que interessa a nós é isto: firmar a nossa opção de Igreja na América Latina, que é a opção pelos pobres e permitir que surja a Igreja do povo, pela força do Espírito de Deus e que o povo assuma também o destino de sua Igreja".

"Talvez alguma coisa nos atrapalhe a todos, opina com propriedade Dom Pedro Casaldàliga: a falsa imagem de Igreja que temos. No fundo, continuamos achando que a Igreja deve ser uma sociedade diferente. E não é isso. A missão da Igreja é procurar que a sociedade - única - a sociedade humana - seja diferente".

(1) "Primeiro Estado oficialmente ateu do mundo, a Albânia aboliu a religião por decreto e desde 1967 fechou as duas mil - mesquitas e igrejas do país. Mas mesmo - assim as estatísticas apontam a presença de 980 mil muçulmanos, 160 mil ortodoxos e 120 mil católicos - num total de 50 por cento da população do país" (Pedro del-Picchia, "Albânia versus Vaticano", Folha de São Paulo, 28-10-80, p. 6).